



"Regue-me-se"
A busca por encontros íntimos
no cotidiano da Cidade

"Regue-me-se": A busca por encontros íntimos no cotidiano da cidade, por Marcelo Rocco¹

A permeabilidade da arte contemporânea ultrapassa as fronteiras do realismo para se apropriar de encontros reais, na busca pelo estreitamento físico com o espectador. Com isto, os espaços clássicos da arquitetura teatral dão passagem aos encontros íntimos, envolvendo suor, olho no olho, jogo e incertezas, colocando espectador e artista em um espaço de cocriação, onde a fragilidade dos corpos expostos dá possibilidade de expansão ao compartilhamento de afetos. A urgência de se discutir as políticas do cotidiano, dos espaços internos, dos lugares íntimos, em contraposição a uma ideia sedimentada de unidade de ação aristotélica, permite a veiculação de elementos próprios de criação do artista, agora exposto em cena *work in process* para que não só a narrativa seja dada ao espectador, mas o corpo do artista seja entregue, desnudado em cena.

Nesse sentido, a arte contemporânea caminha para as noções de campo expandido - unindo diferentes áreas do saber - (re)visitando territórios antes sacralizados por obras sobre heróis, reis e rainhas. Desse modo, o *performer* - em tempo e espaço reais - articula a tensão entre o espaço público e o espaço privado, ora revelando segredos, ora demonstrando um corpo vivo, cuja plasticidade das imagens que se apresenta em cena é fonte geradora de diferentes e até contrastantes perspectivas para o espectador. As obras ultrapassam uma camada conclusiva, caminhando para uma ideia analítica, sem encerrar nada em si.

¹ Marcelo Rocco é professor adjunto II da universidade Federal de Ouro Preto (UFOP); coordenador do subprojeto PIBID-Artes (UFOP); professor e orientador no PPGAC da UFOP e da UFSJ.



A porosidade da cena, que permite o entrecruzamento de ideias, de diferentes linguagens e áreas do saber, proporciona maior responsabilidade ao espectador, transformando-o em testemunha da obra, em coparticipante, gerando no mesmo a consciência de percorrer diferentes caminhos e chaves de leitura para acessar as obras.

Neste espectro, se inicia a intervenção urbana *Regue-me-se*², criada por Rodrigo Tomaz, professor do Departamento de Teatro da Universidade Regional do Cariri (Urca), em parceria com alunos da mesma universidade³. Tal intervenção ocorreu em meio aos transeuntes que atravessavam a Praça Figueira Sampaio, na cidade de Barbalha (CE). Tal praça se localiza no centro da cidade supracitada, palco de várias manifestações populares, entre elas a "festa do pau da bandeira", uma homenagem paradoxalmente sacro-profana para Santo Antônio. Tal praça propicia o encontro entre os moradores e turistas da região, se transformando em lócus para abertura de festejos, de encontros fugazes, de longos bate-papos, de passagem para procissões, entre outros eventos e outras ações no cotidiano dessa cidade festiva e acolhedora.

A intervenção se concretiza a partir da seguinte estrutura: cinco *performers*⁴ sentados ao redor da Praça, cada um possui uma cadeira vazia à sua frente, permitindo que qualquer pessoa possa se sentar e ter um encontro intimista, individual com os mesmos. Todos os *performers*, de uniforme (cuja paleta de cores caminha entre bege e azul, salientando certa unidade ao grupo) e portam um vaso em suas mãos

² No dia 11 de junho de 2019, às 17 horas e 30 minutos.

³ Segundo Tomaz: "esta ação compôs parte de *Estação Agora*, produção *work in progress* resultante do componente curricular Jogo e Cena II, em um semestre de 2018, inserido no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Regional do Cariri, atualmente, junto ao professor, aprofundando estudos sobre presença e mediação na cena performativa".

⁴ São eles: Alice Oliveira, Bruno Tavares, Helionio Soares, Josefa Mônica e Rodrigo Tomaz.

contendo um pouco de argila úmida. Eles manuseiam a argila, proporcionando uma espécie de massa homogênea, aguardando o desejo de quem pretende se aventurar no jogo proposto.

Aos poucos, os transeuntes se sentam nas cadeiras, consolidando a intervenção. O mote inicial da ação parte de uma pergunta, feita diretamente ao transeunte: "O que você gostaria de regar?". Dentre várias possibilidades de respostas, em que parte delas pode corresponder a possíveis metáforas espaçadas sobre o tempo, sobre o futuro, sobre si, sobre as relações sociais, sobre amor, sobre amizade, sobre afetos etc., é que se realiza tal ação. A pergunta é real e necessita de respostas com as mesmas intensidades, em um jogo de escuta, cuja porosidade se dá na relação entre quem pergunta e quem responde, numa engrenagem feita de espera, de participação ativa, de co-presença, e de efemeridade, já que a ação se encerra para que outro transeunte possa se sentar e discorrer sobre si.

Após a resposta individualizada/única de cada transeunte, o performer diz sobre o que também gostaria de regar, pedindo ao espectador a permissão de esboçar um desenho com a argila em parte do corpo do transeunte. Em troca, o transeunte também pode realizar um esboço no corpo do performer para que, juntos, reguem ambos os corpos com um pouco de água contida em um regador, agora banhados com desenhos. Tais desenhos passam a caracterizar-se em uma espécie de "segredo revelado" entre performer e transeunte. Uma ação, cujo sentido é compartilhado e guardado apenas para ambas as pessoas que vivenciaram o processo, sem qualquer menção da ação para outras pessoas que passarem por ali. Uma vivência partilhada e encerrada em si mesma.





Diante deste preâmbulo, pode-se destacar o esforço de cada performer da presente ação de se colocar em risco ao se aventurar em uma zona fronteira entre a performatividade contida na pesquisa e a coautoria da obra. Então, jogar-se na aventura da pesquisa, com uma pergunta ainda "anuveada", faz a diferença na metodologia em arte, cuja resposta não pode ser pré-fabricada, pois o público começa a se aproximar, passando a compor parte da paisagem de tal ação.

Além disso, a performatividade apresentada na intervenção tem como o centro de suas preocupações uma experimentação autônoma e criativa, valorizando o ato da feitura artística, em detrimento à ideia de obra finalizada. Com isso, os lugares podem ampliar ainda mais a potência de experimentação de uma obra, auxiliando na dessacralização de autoria, na busca de uma democratização de acessos acerca da feitura dos elementos teatrais.

A ação vem para frear o ritmo cotidiano, numa ideia de uma vida menos roteirizada, sem tantos planejamentos, com a possibilidade de errar, de deixar ir, de se abrir para o risco, revelando ao transeunte a possibilidade da criação a partir das probabilidades que o acaso traz: de se deixar estar na cidade, mais que impor uma ideia artística sobre a cidade, mais que meramente propor à cidade. Os corpos efêmeros dos *performers* da praça se diluem, instaurando uma camada entre a teatralidade e a performatividade. Corpos híbridos, em estados experienciadores, que causam estranhamento e certo fascínio aos habitantes da cidade e aos passantes da mesma.

Por fim, pode-se dizer que a potência da corporeidade passa a ter importante impacto na produção artística contemporânea, desempenhando novos sentidos para os gestos cênicos, novas preocupações com a noção de espacialidade, na configuração multidirecionada e na horizontalidade dos elementos estéticos.